

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SÉCULO

N.º 701

MEMÓRIAS DO GIGANTE ARRANHA-CÉUS

(Continuado do número anterior)

Em cima do grosso arame, erguiam ao alto uma escada com duas faces e cada um subia pelos respectivos degraus até que, ao chegarem ao último, apertavam as mãos numa saudação afectuosa, mantendo sempre a posição de equilíbrio. O segundo número constava dum recitativo musical, três canções em voga, uma das quais foi bisada. Intitulava-se a Princesinha pateta. A letra tinha um estribilho que fazia delirar a assistência e que era constituído pelos seguintes versos, numa toada levemente maliciosa e viva:

Tum-tum-tum! Tum-tum-tum!...
Quero bôlos, quero bôlos!...
Não quero príncipe algum
porque os acho muito tôlos!

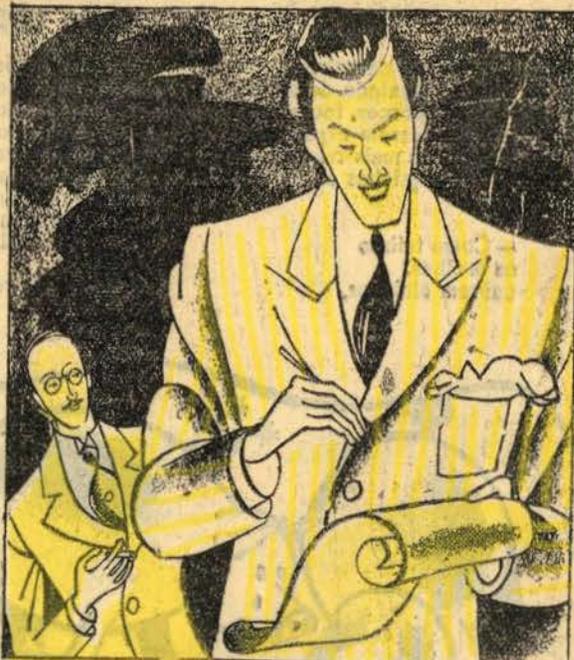
O terceiro número era o da minha estreia como artista de circo. Devidamente ensaiado, a minha entrada na pista, levando pela mão o minúsculo anãozinho que para m'a alcançar se via forçado a caminhar em bicos dos pés.

Uma chuva de aplausos delirantes coroou o meu trabalho. Uns minutos depois, o empresário, radiante, veio felicitar-me. Nunca a bilheteira apurara tão importante receita. O meu futuro, no circo, estava garantido. De terra em terra, a nossa caravana atraía a atenção de toda a gente. Durante seis meses percorremos todas as cidades principais da França. De França partimos para a Suíça, da Suíça para a Alemanha e deste país para a Itália. Da Itália passámos para a Rússia, onde estivemos pouco tempo, voltando novamente à Alemanha. O meu empresário estava rico e eu fora o elemento que mais contribuira para a sua fortuna. Um dia, naquele país, assim que o espectáculo terminou, dois sujeitos elegantemente vestidos, dirigiram-se a mim e, depois de me felicitem, pediram-me que os esclarecesse acerca da minha identidade e da minha vida. Assombrados pelas estranhas peripécias do meu passado, em dado momento disse um para o outro, vivamente interessados: — «Que belo filme!... Vamos propôr-lhe um contrato.» — «Sem dúvida!» — retorquiu o outro, dizendo-me: — «Desejávamos falar-lhe amanhã, às dez horas no nosso escritório, rua tal, número tantos. Não falte, pois que se trata de assunto de seu grande interesse.»

Fiquei deveras intrigado e resolvi comparecer, pontualmente, à hora indicada. Era um escritório luxuosamente mobilado, ao fundo duma grande sala com guichets prateados e várias secretárias, onde bastantes dactilógrafas escreviam à máquina, num taque-taque contínuo.

Assim que transpuz o limiar da porta, os dois sujeitos que eu conhecera na véspera, ergueram-se e, abrindo os braços, num gesto acolhedor e amigo, vieram ao meu encontro, exclamando um deles: — «Como já deve ter nota-

do, encontra-se o nosso amigo numa das mais importantes casas produtoras de filmes cinematográficos de todo o mundo. A história da sua vida vai ser revelada numa produção de grande metragem e desejamos contratá-lo para o desempenho do filme, como principal personagem. No caso de aceitar a nossa proposta, ficará recebendo o ordenado mensal de dez mil marcos. Aceite que, se o filme



obtiver um grande sucesso, poderá ficar milionário dentro de poucos anos.»

Escusado será acrescentar que não deixei escapar tão providencial oportunidade de me tornar célebre, como artista de cinema, e de amealhar um bom pé de meia.

Vim, então, a saber que um dos meus interlocutores era um grande escritor e realizador cinematográfico e que o outro era, simultaneamente, proprietário e gerente da empresa. No dia seguinte à assinatura do contrato, comecei a ditar o relato da minha tão acidentada infância, em plena selva, entre feras. Decorrido um mês, a equipa cinematográfica, com todas as suas máquinas e apetrechos, encontrava-se comigo no mesmo local onde decorrera a



minha vida, em plena selva, e principiou a filmagem no meio dos gorilas, que não me haviam esquecido e me acolheram com demonstrações de grande júbilo.

Quatro meses após, o filme estava concluído e eu assistia, maravilhado, à sua primeira passagem no «ecran».

(Continua no próximo número)

OS TOLEIRÕES DOS CARNEIROS

por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

QUANDO os carneiros que subiam o montado, deram com a vara de porcos, focinhando na terra, ficaram espantados.

Um dos mais frisados encanou com os porquinhos e baliu, escarinho:

— Como telhas,
as orelhas,
cobrem olhinhos,

muito espertinhos,
e sem pêlos,
sem cabelos,
os seus corpos,
muito porcos,
vão rebolando,
saracoteando,
como uma bola
que se rebola.

O resto do rebanho imitou o tro-

cista e pelos campos soaram as gargalhadinhas em *mé-mé-mé* dos carneiros divertidos.

Indiferentes à troça, os porcos grunhiram em tom de desprezo, sem ligarem importância aos toleirões dos carneiros e voltaram a focinhar na erva dos penhascos.

O pastor é que teve de meter na ordem o rebanho indisciplinado, obrigando-o a continuar o seu caminho.

Mas, daí por diante, os carneiros nunca mais perderam de vista os porquinhos do montado.

Assim que avistavam algum, era uma cantilena pegada:

— «O senhor porco
que está de borco,
arranje pêlo,
pois só de vê-lo,
tão mezinho,
tão peladinho,
tremo de frio,
num calafrio!

Filósofos, os bacorinhos nunca lhes respondiam e, cada vez mais rebolados, tratavam de encher a barriga de bo-bolota.

O mês de Março chegou.

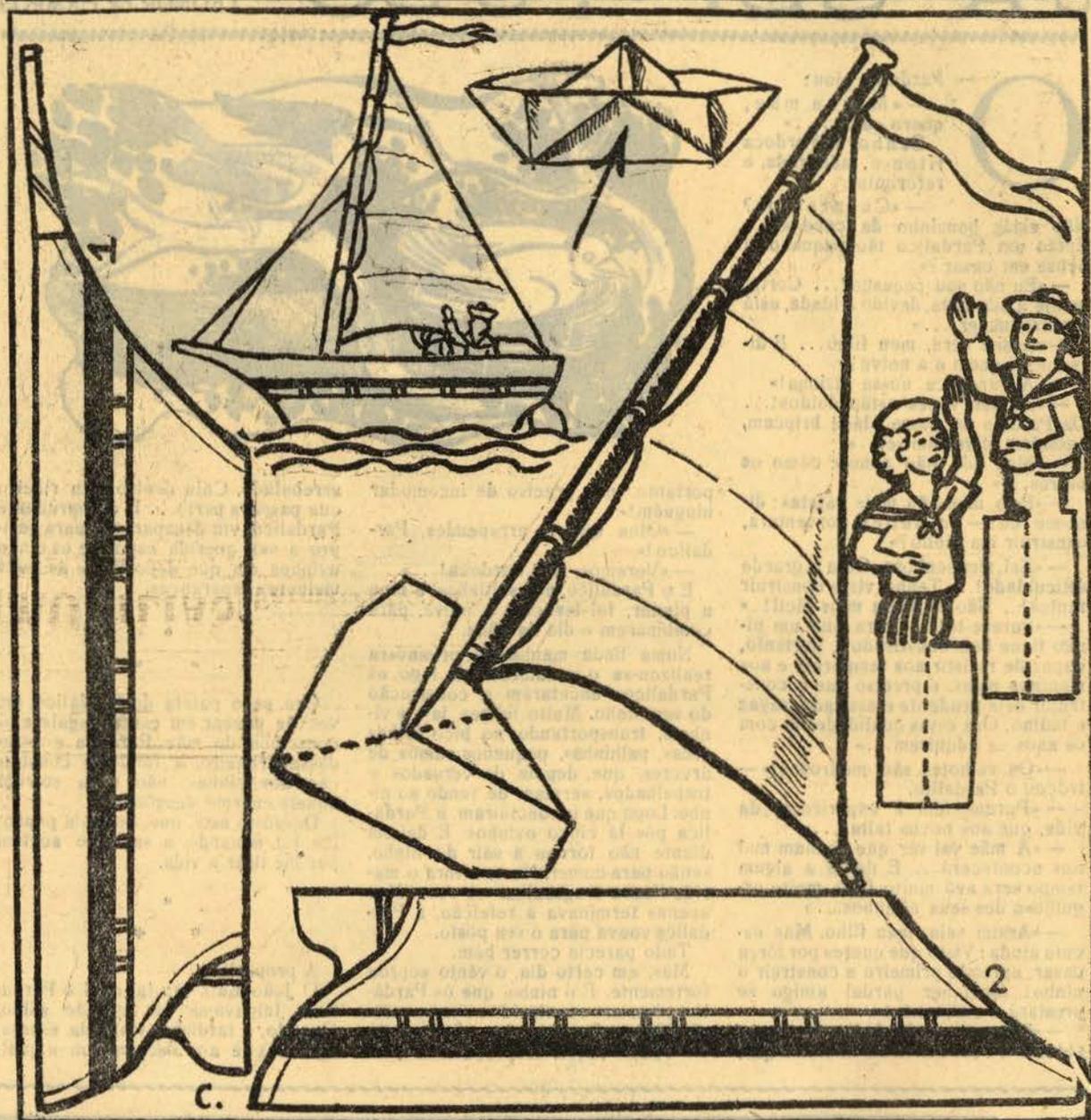
Certo dia, ao levantarem a trombinha, os porcos viram que o rebanho, contra o seu costume, se esgueirava, correndo, apressado, pela encosta acima.

Estranharam tal correria e, atendendo melhor, repararam que os carneiros estavam todos rapados.

(Continua na página seguinte)



BARQUINHOS DE PAPEL



O «Pim-Pam-Pum», que se não cansa de inventar entretenimentos para saber contentes os seus numerosos amigos, oferece-vos hoje o que estais vendo, intitulado: — *Barquinhos de papel*.

Tendes feito, certamente, algumas vezes, engraçados barquinhos, dobrando, pelo processo usual e já bastante divulgado, uma simples fôlha de papel, conforme a figura indicada pela seta.

Pois bem, o barquinho, desta vez, vai ficar com um aspecto muito mais atraente. Bastará, para isso, que o façam, dobrando uma fôlha de papel com o tamanho exacto de 20 x 50 centímetros. Colem, em seguida, às duas faces do casco do barquinho, os desenhos 1 e 2 e os extremos que coincidirem. O mastro arma-se dobrando a linha pontuada e colando a parte inferior à saliência central do barquinho. A linha pontuada das figuras, é para dobrar, a-fim de que estas se possam colocar de pé, dentro do barco.

O desenho deve ser colorido ao gosto dos nossos amiguinhos.

A linda lâ que os cobrira fôra tosquiada.

E agora lá iam curtindo frio e mais feios que uma noite de trovões.

Foi então que um dos bacorinhos mostrou a dentuça, grunhindo muito trocista:

— «O lindo gado está tosquiado! Com tal amanhã, fica o rebanho tão horroroso, tão pavoroso, que é a risota

e a chacota do outro gado cá do montado!»

■ F I M ■

JÁ SEI TUDO

POR LEONOR DE CAMPOS

O Pardalito piou:
— «Minha mãe, quero casar!...»
Senhora Pardoca fitou-o, admirada, e retorquiu:

— «Casares, tu? Não estás bonzinho da cabeça!... Então um Pardalico tão pequeno já pensa em casar?»

— «Eu não sou pequeno!... Certamente a sua vista, devido à idade, está a enfraquecer!...»

— «Assim será, meu filho... E diz-me: quem é a noiva?»

— «A Pardalica, nossa vizinha!»

— «Ai que vocês estão doidos!... Os Pardais da vossa idade brincam, passeiam, divertem-se...»

— «Mas nós não somos como os outros...»

— «Pois não. São mais patetas; diz-me cá: Tu sabes, porventura, construir um ninho?»

— «Sei, sim, senhora. Olha a grande dificuldade!... Tenho visto construir tantos!... Não há nada mais fácil!...»

— «Parece-te!... Para que um ninho fique bem construído e, portanto, capaz de resistir aos temporais e aos meninos maus, é preciso que o construtor seja prudente e assisado, sagaz e ladino. Ora estas qualidades só com os anos se adquirem...»

— «Os velhotes são medrosos!» — troçou o Pardalito.

— «Porque têm a experiência da vida, que aos novos falta!...»

— «A mãe vai ver que nenhum mal nos acontecerá... E daqui a algum tempo será avó muito feliz, muito orgulhosa dos seus netinhos...»

— «Assim seja, meu filho. Mas escuta aí: Visto que queres por força casar, aprende primeiro a construir o ninho! Qualquer pardal amigo se prestará a ensinar-te!...»

— «Mas para quê? Já lhe disse que sei muito bem construir ninhos e que,



portanto, não preciso de incomodar ninguém!»

— «Olha que te arrependes, Pardalico!»

— «Veremos, mãe Pardoca!...»

E o Pardalico, aos saltinhos, a rir e a pipilar, foi ter com a noiva, para combinarem o dia da boda.

Numa linda manhã de primavera realizou-se o casamento. E logo os Pardalicos encetaram a construção do seu ninho. Muito felizes, iam e vinham, transportando no bico folhas secas, palhinhas, pequenos ramos de árvores, que, depois de vergados e trabalhados, serviam de fundo ao ninho. Logo que o concluíram, a Pardalica pôs lá cinco ovosinhos. E daí em diante não tornou a sair do ninho, senão para comer. Nessa altura o marido ficava a agasalhar os ovos. Mas apenas terminava a refeição, a Pardalica voava para o seu posto.

Tudo parecia correr bem.

Mas, em certo dia, o vento soprou fortemente. E o ninho, que os Pardalicos haviam construído no ramo mais alto dum velho loureiro, não resistiu à força do vento, desprendeuse e foi

arrebatado. Caiu dentro dum ribeiro que passava perto... E o imprudente Pardalico viu desaparecer para sempre a sua querida esposa e os cinco ovosinhos em que depositara as suas melhores esperanças.

Ora se o pateta do Pardalico, em vez de pensar em casar, seguisse os conselhos da mãe Pardoca e estudasse primeiro, a fundo, a construção dos ninhos, não teria sofrido aquele enorme desgosto.

Desgosto este, que, pouco a pouco, lhe foi minando a saúde e acabou por lhe tirar a vida.

A propósito:
O João Luiz era tal qual o Pardalico. Julgava-se um grande sábio. Quando, à tardinha, vinha da escola, agarrava-se ao *Méccano* ou a qual-

quer livro de histórias e não pensava em estudar as suas lições.

A Mãe, quando o via entretido na brincadeira, perguntava:

— «Já estudaste a lição para amanhã?»

— «Não é preciso. Eu já sei tudo!...»

— «Mas como sabes tudo, se não estudaste?»

— «Nem é preciso. O senhor Professor diz que sou inteligente. Portanto não preciso de me matar a estudar!...»

— «Mas tu não vês o filho da porteira, mais novo do que tu e no mesmo adiantamento? Não vês como ele estuda?»

João Luiz encolhia os ombros e respondia, sobranceiro:

— «É que esse, coitadito, é estúpido. Precisa de estudar muito, para fazer boa figura!... Enquanto que eu sei sempre tudo, mesmo sem estudar!...»

— «Isso é impossível, filho!... Olha que ficas reprovado!...»

— «Não se afieja, minha mãe. Não há perigo!... Verá que no fim do ano aparece por aí uma distinção!...»

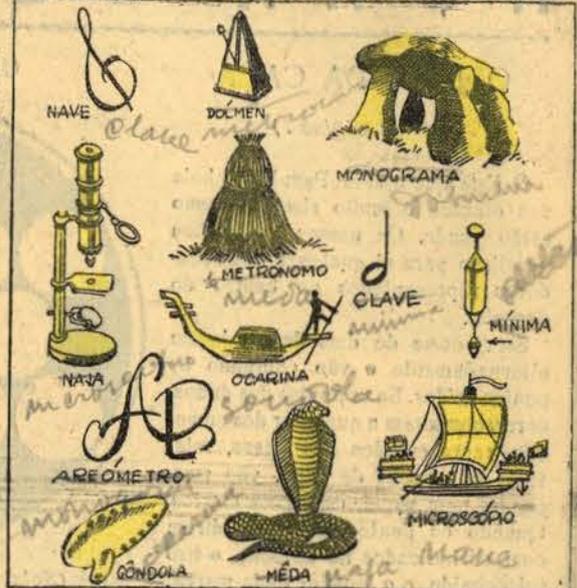
... E foi assim mesmo. No fim do ano apareceu uma distinção; mas fô para o filho da porteira. E para o João Luiz apareceu uma *distintíssima e ilustríssima rapôsa*, tão gôrda e anafada que chegava para enfeitar o pescoço duma baleia.

Infelizmente há muitos meninos como o João Luiz e o Pardalico.

Supõem que lhes basta a inteligência para serem sábios. Quando, afinal, sem muito estudo e muito trabalho, nunca ninguém conseguirá triunfar na vida...

NOMES TROCADOS

Os doze nomes inscritos nos desenhos acima, são os correspondentes às doze figuras expostas mas estão trocados. Dai a cada figura o seu verdadeiro nome mas sem utilizar, claro está, o vosso dicionário.



História muda

Avisamos os nossos pequeninos leitores que no próximo número publicaremos a legenda premiada, referente a esta história.



UMA NOVA LANTERNA MÁGICA

Queridos amiguinhos, alegrai-vos! O «Pim-Pam-Pum» vai ensinar a maneira de se construir uma nova «lanterna mágica», na qual os leitores poderão exhibir fitas impressas em papel opaco.

O começo do «filme» que hoje se publica, devem guardá-lo, a-fim de lhe colarem, depois, o seguimento que virá na próxima semana.

Trata-se dum pesadelo de «Passa-Fome», que, ao contrário do que seria de esperar, a avaliar pelo nome, é um terrível comilão.

COLAR AQUI UMA FITA DE PAPEL PINTADO DE PRETO.

O «PIM-PAM-PUM»
APRESENTA
O FILME
PESADELO TERRÍVEL
PROTAGONISTA
«PASSA-FOME»
REALIZADOR
TAVARES PINTO



H O R A D E R E C R E I O

O JOGO DA CAÇA

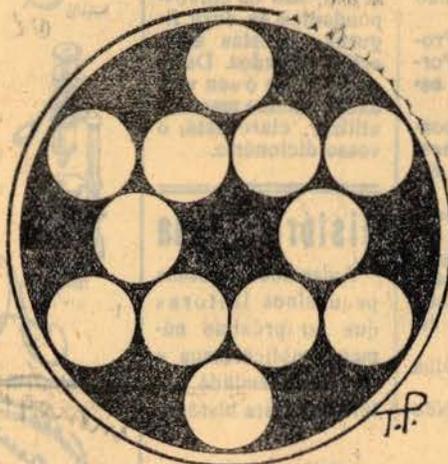
(Ver na página 7)

O jogo que o «Pim-Pam-Pum» hoje vos oferece é muito simples, como estão vendo. Os nossos amiguinhos escolhem para si qualquer dos caçadores representados ao centro do desenho.

Servindo-se de dois dados, jogam alternadamente e vão contando os pontos saídos. Se os pontos dos dados, corresponderem a qualquer dos números representados nas casas, relativos às a peças de caça, vão marcando, num papel, os bichos mortos. Quando os pontos não coincidirem com os indicados no desenho, o tiro foi de balde, e o jogador nada marca, evidentemente.

Aquele que, chegando ao fim, tiver acertado em mais peças de caça, ganha o jogo.

UM PROBLEMA



(Solução do número anterior)

O Malaquias dispôs as pedras como se fôsem treze. Mas como só tinha doze, tirou então a do meio, «que não fazia falta», e pô-la a substituir a pedra X, que lhe faltava.

ANEDOTAS

— «O quê?! — Pois há tantos anos que bebes e é hoje o primeiro dia em que deixas de beber?»

— «Que queres tu? É que eu mudei-me de casa e ainda não lhe conheço a escada...»

A pequenita que se perdeu, para o pilícia:

— «O senhor, não viu por aí uma mamã sem a sua filhinha?»

E desatando num choro convulso:

— A filhinha sou eu!»

UM BOM EXEMPLO

Por MANUEL FERREIRA

DESDE que, na Escola Médica, aparecera a matricular-se, um aluno que aparentava quarenta anos, não paravam os risinhos sufocados e as troças dos colegas.

Todos os alunos, mesmo os do último ano, não excediam vinte e seis anos. Ora aparecer ali um caloiro com mais de quarenta anos, era motivo de farta risota.

O tal aluno cha-

mava-se Leopoldo e, em hora compreendesse os remoque-

dos colegas, fingia não dar por eles. Às vezes,

alguns mais atrevidos, diziam, entre dentes, ao vê-lo:

— «Certamente, andou vinte anos no liceu.»

E outro acudia logo:

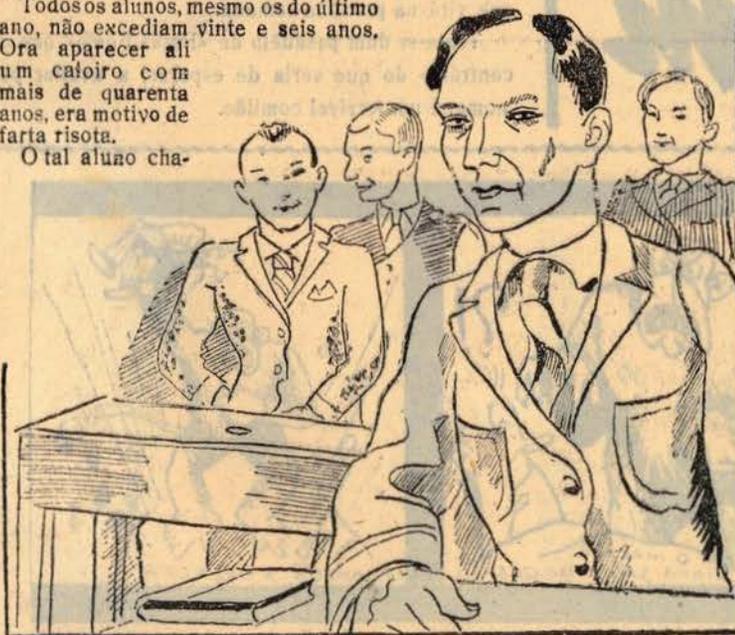
— «Ou, então, esteve dez na escola do b-a-bá.»

Mas o que é certo é que, em pouco tempo, Leopoldo tornou-se notado pela sua assiduidade e amor ao estudo.

Os cinco anos depressa passaram.

Muitas vezes, o bom aluno dava explicações, afavelmente, a muitos que o troçavam. Quando defendeu tese, abordando um assunto nunca tratado na medicina, e que demandava vastíssimos conhecimentos, os lentes ergueram-se e abraçaram-no, concedendo-lhe a mais alta classificação.

O director da Escola Médica, convidou



(Continua na página 8)



Jôão da CAÇA



(VER INSTRUÇÕES NA PÁGINA 6)

UM BOM EXEMPLO Um desenho alegórico

(Continuado da página 6)

o novo facultativo a procurá-lo no seu gabinete, a fim de lhe entregar o diploma. Leopoldo compareceu. Entabou-lhe-se conversa e, em certa altura, o director perguntou:

— «Mas deixe-me cometer uma indiscreção. Porque veio cursar medicina tão tarde? Se isso se pode saber...»

— «Pois não, doutor — retorquiu o novo médico. — Meu pai era um pobre contínuo do Estado. Um dia, veio-lhe uma doença na qual gastou todos os seus magros vencimentos e a pobre reserva que amalhava. Morreu e deixou minha mãe em más circunstâncias.

Então, com dez anos, tinha feito o exame de instrução primária. Toda a minha ambição era ser médico. Iria para o liceu se não fôsse a morte de meu pai.

Minha mãe trabalhava a dias e o seu salário apenas dava para satisfazer o pagamento da renda do cubículo onde morávamos. Com lágrimas nos olhos, renunciou à carreira que tanto ambicionava. Mas o desalento durou pouco. Despertou, na minha alma, a enorme vontade de vencer.

A custo, um colega de meu pai conseguiu-me uma pequena colocação num armazem de bacalhau. O ganho era pouco, mas enfim lá iam os vivos. Sempre que apanhava o dono da casa distraído, agarrava-me aos livros, pois ao mesmo tempo ia tirando, à noite, o curso comercial.

A minha saúde era fraca e a de minha mãe ainda pior. Assim, o curso, que era de cinco anos, só o pude tirar em dez. Fui para o Instituto onde andei oito anos.

Nesta altura, um professor convidou-me a colaborar num jornal. Escrevia contos e novelas e, entretanto, dava explicações, aliás muito mal pagas.

Amealhava todos os centavos e, a pouco e pouco, com o tal professor fui fazendo o curso dos liceus. Frequentava, também, as bibliotecas e colaborava em emissões de radiofonia. Minha mãe havia dois anos que deixara o trabalho, e, portanto, a minha luta era maior. Infelizmente, quando completei o quinto ano, faleceu. Vi-me só. Tinha, nessa época, trinta e quatro anos, e consegui alcançar o lugar de redactor do jornal. Trabalhava de noite, ganhava pouco, mas tinha o dia livre, e, portanto, completei o curso do liceu. Aprovado no exame, era nomeado crítico literário do jornal. Entrei para a Faculdade e, no tempo regulamentar, completei o curso ambicionado.»

Então, o director da Escola Médica chamou os lentes, contou-lhes a história de Leopoldo e disse-lhes:

— «Este homem que vêdes aqui, conseguiu ser um médico, mostrando os melhores sentimentos e força de vontade. Quero, pois, que o seu nome seja dado a um prémio que vou instituir para ser concedido, anualmente, ao melhor aluno da nossa Escola.»



Prosseguindo na série de alegorias a obras literárias de fama mundial, publicamos hoje o desenho acima, que representa a *passagem do cabo das tormentas*, admiravelmente descrita num livro célebre de que todos nos devemos orgulhar, por ser de autor português. Digam-nos os nossos amiguinhos de que livro e de que autor se trata.

O nosso desenho anterior representava uma cena do célebre romance espanhol intitulado «*D. Quixote de la Mancha*» escrito, em 1606, por «*D. Miguel Cervantes de escudeiro Saavedra*». As figuras representavam *D. Quixote* e o seu *Sancho Pança*.

Só o que lhes digo, meus meninos, é que, quando o director terminou, havia lágrimas de alegria nos olhos dos lentes. Nos lábios de Leopoldo, bailava, porém, um sorriso de triunfo!

Dois anos depois, o doutor Leopoldo de Moraes era lente da Escola Médica...



ATENÇÃO

NO PROXIMO NÚMERO

O RESSUSCITADO

HISTÓRIA REPLETA DE
TERROR, PAVOR E...

... BOM HUMOR

COM OS CÉLEBRES

«DR. SABÃO»

«PAPA-TUDO»

E «PASSA-FOME»